



PARA PENSAR, DISCUTIR, PRODUZIR...

Atividade 1

Dois dos maiores poetas da MPB, Caetano Veloso e Paulinho da Viola, compuseram os sambas transcritos abaixo. A partir de uma leitura comparativa de ambos, estabeleça semelhanças e diferenças entre as duas músicas.

Desde que o samba é samba

A tristeza é senhora
Desde que o samba é samba é assim
A lágrima clara sobre a pele escura
A noite à chuva que cai lá fora
Solidão apavora
Tudo demorando em ser tão ruim
Mas alguma coisa acontece no quando agora em mim
Cantando eu mando a tristeza embora

O samba ainda vai nascer
O samba ainda não chegou

O samba não vai morrer
Veja, o dia ainda não raiou

O samba é pai do prazer
O samba é filho da dor

O grande poder transformador

Caetano Veloso

Eu canto samba

Eu canto samba
Por que só assim eu me sinto contente
Eu vou ao samba
Porque longe dele eu não posso viver
Com ele eu tenho de fato uma velha intimidade



Se fico sozinho ele vem me socorrer
Há muito tempo eu escuto esse papo furado
Dizendo que o samba acabou
Só se foi quando o dia clareou

O samba é alegria
Falando coisas da gente
Se você anda tristonho
No samba fica contente
Segure o choro criança
Vou te fazer um carinho
Levando um samba de leve
Nas cordas do meu cavaquinho

Paulinho da Viola

Atividade 2

As letras da nossa música popular são quase sempre carregadas de lirismo e emoção. Tendo como referência essa constatação, comente com as suas próprias palavras as relações entre o eu lírico e o elemento feminino no samba “Quem te viu, quem te vê, de Chico Buarque.

Quem te viu quem te vê

Você era a mais bonita das cabrochas dessa ala
Você era a favorita onde eu era mestre-sala
Hoje a gente nem se fala, mas a festa continua
Suas noites são de gala, nosso samba ainda é na rua

Hoje o samba saiu procurando você
Quem te viu, quem te vê
Quem não a conhece não pode mais ver pra crer
Quem jamais a esquece não pode reconhecer

Quando o samba começava, você era a mais brilhante
E se a gente se cansava, você só seguia adiante
Hoje a gente anda distante do calor do seu gingado
Você só dá chá dançante onde eu não sou convidado



Hoje o samba saiu procurando você
Quem te viu, quem te vê
Quem não a conhece não pode mais ver pra crer
Quem jamais a esquece não pode reconhecer

O meu samba se marcava na cadência dos seus passos
O meu sono se embalava no carinho dos seus braços
Hoje de teimoso eu passo bem em frente ao seu portão
Pra lembrar que sobra espaço no barraco e no cordão

Hoje o samba saiu procurando você
Quem te viu, quem te vê
Quem não a conhece não pode mais ver pra crer
Quem jamais a esquece não pode reconhecer

Todo ano eu lhe fazia uma cabrocha de alta classe
De dourado eu lhe vestia pra que o povo admirasse
Eu não sei bem com certeza porque foi que um belo dia
Quem brincava de princesa acostumou na fantasia

Hoje o samba saiu procurando você
Quem te viu, quem te vê
Quem não a conhece não pode mais ver pra crer
Quem jamais a esquece não pode reconhecer

Hoje eu vou sambar na pista, você vai de galeria
Quero que você assista na mais fina companhia
Se você sentir saudade, por favor não dê na vista
Bate palmas com vontade, faz de conta que é turista

Hoje o samba saiu procurando você
Quem te viu, quem te vê
Quem não a conhece não pode mais ver pra crer
Quem jamais a esquece não pode reconhecer

Chico Buarque

Atividade 3

Pesquisar o surgimento e transformação do samba no Rio de Janeiro, levando em conta o espaço geográfico da cidade, as suas formas de manifestação, as questões sócio-econômicas relacionadas e o papel que as escolas de samba têm em suas comunidades.



Atividade 4

Clarice Lispector narra no fragmento do conto “Restos de carnaval”, transcrito abaixo, as suas lembranças do carnaval em Recife quando ela era criança. Escreva um texto próprio ou faça uma canção, com a marca da sua subjetividade, sobre as recordações dos seus primeiros carnavais.

Restos de carnaval

Não, não deste último carnaval. Mas não sei por que este me transportou para a minha infância e para as quartas-feiras de cinzas nas ruas mortas onde esvoaçavam despojos de serpentina e confete. Uma ou outra beata com um véu cobrindo a cabeça ia à igreja, atravessando a rua tão extremamente vazia que se segue ao carnaval. Até que viesse o outro ano. E quando a festa já ia se aproximando, como explicar a agitação que me tomava? Como se enfim o mundo se abrisse de botão que era em grande rosa escarlate. Como se as ruas e praças do Recife enfim explicassem para que tinham sido feitas. Como se vozes humanas enfim cantassem a capacidade de prazer que era secreta em mim. Carnaval era meu, meu.

No entanto, na realidade, eu dele pouco participava. Nunca tinha ido a um baile infantil, nunca me haviam fantasiado. Em compensação deixavam-me ficar até umas 11 horas da noite à porta do pé de escada do sobrado onde morávamos, olhando ávida os outros se divertirem. Duas coisas preciosas eu ganhava então e economizava-as com avareza para durarem os três dias: um lança-perfume e um saco de confete. Ah, está se tornando difícil escrever. Porque sinto como ficarei de coração escuro ao constatar que, mesmo me agregando tão pouco à alegria, eu era de tal modo sedenta que um quase nada já me tornava uma menina feliz.

E as máscaras? Eu tinha medo, mas era um medo vital e necessário porque vinha de encontro à minha mais profunda suspeita de que o rosto humano também fosse uma espécie de máscara. A porta do meu pé de escada, se um mascarado falava comigo, eu de súbito entrava em contato indispensável com o meu mundo interior, que não era feito só de duendes e príncipes encantados, mas de pessoas com o seu mistério. Até meu susto com os mascarados, pois, era essencial para mim.

Clarice Lispector. *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Atividade 5

A partir das canções da Bossa Nova, montar um painel com fotografias do Rio de Janeiro da época e de trechos das canções. Discutir as mudanças de comportamento e as transformações históricas que ocorreram no final dos anos 1950 e início da década seguinte.